

A INDÚSTRIA, AINDA SEM MELHORAS.

O pequeno crescimento esperado para este semestre não está se confirmado.

Expectativas frustradas: não está havendo o pequeno crescimento da economia esperado para este segundo semestre. Foi o que procurou demonstrar, ontem, o presidente da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho, ao comentar a taxa de variação negativa de -6,7% no mês de julho, em relação aos últimos 12 meses, registrados no INA (Indicador de Nível de Atividade), da indústria paulista.

Vidigal ressaltou que esse número contraria a esperança que os empresários vinham nutrindo de um "pequeno crescimento, mas constante, neste semestre". Ele reconheceu, por outro lado, que houve uma melhora nos indicadores de maio e junho passados (-8,8% e -7,8%, respectivamente), mas que a redução foi tão pequena que torna impossível recompor a perda de 1981. "No máximo — disse Luís Eulálio — conseguiremos empatar ou ficar muito pouco acima do ano passado, sem qualquer chance de crescer em relação a 1980."

Antonio Lanzana, do departamento de Economia da Fiesp, disse que, em comparação com o trimestre anterior, o INA (que avalia as vendas reais, consumo de energia elétrica, horas trabalhadas na produção, salários reais e pessoal ocupado na produção) manteve uma taxa de 2,7%, ainda que a taxa de julho tenha sido negativa. Da mesma maneira, acrescentou, os números analisados mês a mês mostram um pequeno crescimento na atividade industrial paulista.



Vidigal (à esquerda): decepção com o crescimento nulo das empresas.
Pena: previsão de mais crise.

ta em comparação ao igual período de 1981, ou seja, 3% em maio e 2,8% em julho deste ano.

Esses dados, esclareceu Lanzana, indicam que a persistência de queda (no trimestre) poderia resultar numa projeção favorável em relação ao ano passado; mas que "isso toma outra figura quando se atenta na avaliação dos últimos 12 meses".

Nesse caso, ressaltou Antonio Lanzana, o INA mostra taxas de variação negativa em todos os seus itens, exceto salários reais, com + 3,1%. No mais, o panorama que se apresenta é este: queda de -5,1% nas vendas reais; queda de -3,7% no consumo de energia elétrica; -13,2% nas horas trabalhadas na produção e -9,1% no pessoal ocupado na produção.

Nardini

O ministro Camilo Pena, da Indústria e do Comércio, por sua vez, previu ontem que a conjugação de fatores negativos gerados pelo protecionismo comercial e a capacidade instalada superior à demanda provavelmente levará muitas empresas, do setor de bens de capital, a enfrentarem dificuldades insanáveis e as obrigarão a pedir concordata, a exemplo do que faz a Nardini. Essa empresa pediu concordata na semana passada, depois que seus contratos de exportação para o México foram suspensos.

Contudo, de acordo com Camilo Pena, o setor de bens de capital pode considerar-se privilegiado, ao menos por enquanto. Isso porque esse setor foi praticamente implantado através de empréstimos do BNDES com correção monetária de 20% ao ano, o que implica pouco ônus. "Esse aspecto da infra-estrutura do setor facilita sua competitividade no comércio internacional", disse o ministro.

Além disso, completou Camilo Pena, o governo garantiu às empresas da área encargas significativas em termos de pesquisa e refino de petróleo, na implantação do Próalcool, no programa do carvão e, mais recentemente, no projeto Carajás, onde a expectativa de demanda para o setor é maior do que nos demais programas. Apesar disso, ele acredita que muitas empresas de porte médio vão sucumbir.